REDE UNIVERSIDADE DAS CRIANÇAS

AUTONOMIA E PROTAGONISMO EM OFICINAS CIENTÍFICAS



Um livro produzido pela **Rede Universidades das Crianças,** com o apoio financeiro da **FAPEMIG** (Fundação de Amparo à Pesquisa em Minas Gerais).

ISMAEL AUGUSTO LIMA SANTOS

JUNIOR TEIXEIRA ERVILHA

MARIA CAROLINA SENA LANNA RESENDE

RAISA MILEIB SANTOS OLIVEIRA

RAQUEL ALVES COSTA

PRISCILA RESENDE SILVEIRA

Escola Estadual Effie Rolfs

GEPPFOR-UFV

Luana Pereira Leite Schetino

Natália Ferreira Pinto

UFMG

DÉBORA D'AVILA REIS

MARINA ASSIS FONSECA

NATÁLIA AMARINHO NUNES

SIMON PEDRO BRETHÉ

Ilustradora
CLARA BEMFICA DE F. TEIXEIRA

JULIANE DOS SANTOS AMORIM
Universidade do Estado da Bahia

LUDMILA OLADIM DE SOUZA
Centro Universitário de Belo Horizonte - UNIBH

UFOP
Universidade Federal de Ouro Preto

LUCIANA HOFFERT CASTRO CRUZ

LUCIANO PIRES DO SACRAMENTO JÚNIOR

MARIA LUISA GUISOLI SALDANHA

PRÉFACIO



Com este livro, concretizamos o desejo de compartilhar as “oficinas” desenvolvidas no âmbito dos projetos da Rede de Divulgação Científica intitulada "Rede Universidades das Crianças". Esperamos que este material inspire você, educadora, professora ou gestora da educação básica, a criar novas oportunidades de encontro, investigação e diálogo com as crianças.

Na Universidade das Crianças, o que chamamos de “oficinas” ultrapassa a noção tradicional de atividades sequenciais, guiadas por roteiros rígidos e resultados previamente definidos. Embora exista um planejamento inicial, abrimos sempre espaço para o imprevisível. Nosso compromisso é garantir a participação genuína de cada criança, transformando as oficinas em experiências verdadeiramente significativas.

Em espaços públicos abertos ou salas previamente ambientadas, as crianças são convidadas a explorar, investigar, interagir e agir de forma autônoma e criativa. As propostas e os objetos dispostos no ambiente funcionam como catalisadores de conversas, nas quais a opinião e a experiência de todos são valorizadas. As crianças compartilham também saberes herdados de seus familiares, conectando o tema da oficina ao conhecimento que constroem em seus próprios universos. Assim, cada oficina se configura como um espaço de experimentação, escuta atenta e diálogo.

A “Oficina dos Sentidos” marcou o início de muitas

jornadas de aprendizado. Nela, convidamos as crianças a uma imersão sensorial. Em roda, apresentamos estímulos visuais, gustativos, auditivos e táteis. Para cada estímulo, o desafio é triplo: registrar a primeira lembrança evocada, identificar a emoção associada e descrever a sensação física percebida no próprio corpo. O coração acelera? O rosto esquenta? Um frio percorre a barriga? Na roda de conversa, as crianças compartilham com o grupo suas percepções e sentimentos sobre a vivência. Histórias são tecidas e revelam aspectos singulares do corpo, em suas múltiplas dimensões — cultural, histórica, psicoemocional e biológica.

A cada novo projeto da Universidade das Crianças, outras oficinas são planejadas, considerando a realidade e a cultura local. As temáticas emergem de perguntas espontâneas feitas pelas próprias crianças, sempre relacionadas ao eixo "o corpo humano e suas relações com o meio ambiente". Mais do que transmitir informações científicas, buscamos manter acesa a chama da curiosidade e o desejo de explorar diferentes formas de construir conhecimento.

Conheça mais sobre o nosso trabalho em: www.redeuc.com.br

Equipe Rede Universidade das Crianças



CAPÍTULO 1

SOBRE AS UNIVERSIDADES DAS CRIANÇAS

As Universidades das Crianças (UCs) são projetos de divulgação científica que promovem a aproximação entre escolas da educação básica e universidades. Suas ações são voltadas especialmente para escolas públicas, grupos minoritários e crianças em situação de vulnerabilidade social, contribuindo para a inclusão e para a promoção da cultura científica entre crianças e jovens.

Na Europa e em outros continentes, existem atualmente mais de 200 UCs (https://eucu.net/).

No Brasil, na data de lançamento desta publicação, havia cinco UCs em Minas Gerais.

Universidades Federais de São João del-Rei (**UFSJ**), Ouro Preto (**UFOP**), Vales do Jequitinhonha e Mucuri (**UFVJM**), Viçosa (**UFV**) e Universidade Federal de Minas Gerais (**UFMG**) e uma no estado de São Paulo, na Universidade Federal do ABC (**UFABC**). Todas compõem a **Rede Universidades das Crianças** no Brasil (https://redeuc.com.br).

Um pouco de história

A primeira Universidade das Crianças foi criada em 2002, na Universidade de Tübingen, na Alemanha, com o propósito de despertar o interesse pela ciência desde a infância e promover um primeiro contato com o ambiente acadêmico. O projeto oferecia aulas ministradas por cientistas e professores universitários, nas quais crianças do ensino básico mergulhavam em temas variados — nem sempre relacionados ao currículo escolar — e participavam de atividades exploratórias no campus (JANBEN e STEUERNAGEL, 2005).

A partir dessa experiência pioneira, várias instituições de ensino superior ao redor do mundo, especialmente na Europa, começaram a implementar iniciativas semelhantes. As práticas de divulgação científica desenvolvidas por essas instituições prezam pelo diálogo autêntico, entendido como espaço de encontro, escuta e respeito. Em algumas delas, a participação das crianças vai além das atividades: em certos casos, elas têm assento em comitês deliberativos da universidade. Embora compartilhem princípios comuns, cada instituição desenvolve metodologias próprias, refletindo prioridades e expectativas diversas.

No Brasil, a primeira Universidade das Crianças, a UC-UFMG, foi criada em 2006 como um projeto de extensão do Instituto de Ciências Biológicas e do Núcleo de Divulgação Científica da Universidade Federal de Minas Gerais. Desde o início, um propósito se destacou: estimular a "perguntação" — compreendida como expressão essencial da curiosidade humana, fundamento da atividade científica.

Nas oficinas, as perguntas das crianças eram discutidas coletivamente. Desses diálogos surgiam textos-resposta, que

posteriormente deram origem a pílulas de rádio, livros e curtas de animação, hoje divulgados em diferentes mídias. As atividades ocorriam inicialmente em escolas de Belo Horizonte e, a partir de 2008, passaram também a outras cidades do interior de Minas Gerais.

Com o passar dos anos, outras UCs foram criadas no Brasil, todas orientadas pela missão de oferecer às crianças e jovens processos de aprendizagem construídos a partir de seus desejos, curiosidades, conhecimentos e experiências prévias.

Criada em 2016, na Universidade Federal de Ouro Preto, a UC-UFOP segue a mesma filosofia da UC-UFMG. Seus princípios incluem a curiosidade, o protagonismo das crianças, o prazer em buscar o próprio saber, a valorização da cultura da infância e a aprendizagem colaborativa. Além das oficinas com crianças, a UC-UFOP promove cursos e oficinas de formação continuada para professores da educação básica, abordando temas como neurociências, processos de ensino e aprendizagem e fatores que influenciam o ato de aprender. Atua nas cidades de Ouro Preto, Mariana, Itabirito, Ponte Nova, Nova Era e Belo Horizonte.

Também criada em 2016, Na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, A UC-UFVJM atua em Diamantina e seus distritos — Guinda, Sopa, São João da Chapada — além de Datas, Vila Alexandre Mascarenhas e Curvelo. Embora o foco principal seja o tema do corpo humano e suas relações com o ambiente, muitas perguntas das crianças envolvem aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais. Para isso, a equipe se prepara cuidadosamente para promover diálogos e trocas de saberes.

As atividades ocorrem tanto na universidade quanto nas escolas parceiras.

Iniciada em 2018, na Universidade Federal de São João del-Rei, a UC-UFSJ compartilha os mesmos pilares das demais UCs. Atua em São João del-Rei e em diferentes municípios da região do Campo das Vertentes, como Santa Cruz de Minas, Barroso, São Tiago, Ritápolis, Coronel Xavier Chaves, Resende Costa e Tiradentes. Seus temas principais envolvem o corpo humano e o meio em que as crianças vivem, com atenção aos aspectos socioculturais. Entre suas ações destacam-se as oficinas nas escolas, visitas a laboratórios da universidade, o projeto Pequeno Cientista e a divulgação científica em redes sociais.

Estabelecida em 2019, a Universidade Federal do ABC no estado de São Paulo, a UFABC-Campus Santo André, aproxima estudantes matriculados na rede de ensino da educação básica da região próxima e o mundo da universidade, criando laços entre ambas. As crianças têm a oportunidade de participar de encontros com cientistas, fazer um tour pela Universidade, conhecer laboratórios, bibliotecas e outros espaços. Além disso, boas conversas sobre uma diversidade de temas previamente combinados para a visita.

Em 2023 surge a UC-UFV que tem como missão central promover a aproximação entre o Ensino Superior e a Educação Básica. Apresenta-se como um projeto vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Formação de Profissionais da Educação (GEPPFOR). A implantação da UC-UFV na Rede Mineira contou com o apoio da professora Luciana Hoffert (UFOP), e teve como escola piloto a Escola

Estadual Effie Rolfs, situada dentro do campus da UFV. Desde então, o projeto vem ampliando suas ações e parcerias, consolidando-se como uma importante estratégia de popularização da ciência na cidade de Viçosa, MG. A coordenação está a cargo da professora da Educação Básica da Escola Estadual Effie Rolfs, Priscila Resende Silveira, com suporte da professora Rita Márcia Andrade Vaz de Mello (UFV), vinculada ao Departamento de Educação da UFV. A UC-UFV vem fortalecendo os vínculos entre universidade e sociedade, promovendo uma educação científica que dialoga com a realidade dos alunos da escola pública, respeitando suas vivências e estimulando o desenvolvimento do pensamento crítico desde os primeiros anos de escolarização.

CAPÍTULO 2

CRIANÇAS E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Crianças e Infâncias

A concepção de criança e de infância no mundo ocidental tem sofrido mudanças ao longo do tempo e, atualmente, podemos dizer que coexistem diferentes maneiras de compreender quem são as crianças, suas capacidades e limitações.

Estudos no campo da Biologia contribuíram para disseminar a ideia de que as crianças seriam "criaturas naturais": seres em desenvolvimento cuja capacidade de pensar estaria em estágio inicial, sendo por isso vistas como incompletas, imaturas e incapazes. Dessa perspectiva, a infância foi entendida como uma etapa universal e homogênea, marcada por passividade e imaturidade física e cognitiva. Essa abordagem reforçava a dualidade entre criança e adulto, consolidando a imagem da criança como um ser "primitivo natural" em trajetória rumo à maturidade plena.

A sociologia tradicional, por sua vez, contribuiu para a invisibilidade das crianças na sociedade. Elas eram consideradas seres à parte, que viviam em um mundo distante do universo adulto. A pesquisadora Jens Qvortrup chegou a compará-las a uma personagem de uma canção folclórica sueca: "crianças são pessoas que vivem em outro mundo", destacando o quanto eram vistas à margem da vida social.

Com o surgimento da **Sociologia da Infância**, esse cenário mudou. As crianças passaram a ser compreendidas como sujeitos sociais competentes, capazes de pensar, criar, agir e influenciar a cultura. Em vez de serem vistas apenas como receptoras da cultura adulta, passaram a ser reconhecidas como produtoras de conhecimento, experiências e significados próprios. Atualmente, pesquisas que investigam o que as crianças pensam, sentem e fazem têm ganhado espaço, reforçando sua agência na transformação dos contextos em que vivem.

É fundamental lembrar que, embora a infância seja uma categoria geracional, **existem múltiplas infâncias**. Cada criança vive uma realidade singular, marcada por fatores culturais, sociais, econômicos, familiares, emocionais, de gênero, raça, etnia e localização geográfica. Essa compreensão plural das infâncias, aliada às contribuições da nova Sociologia da Infância, orienta as práticas e os princípios de divulgação científica que norteiam os projetos da Rede Universidades das Crianças.



Sobre divulgação científica

Muitas pessoas ainda entendem a divulgação científica como a simples transmissão, para o público em geral, dos

resultados de pesquisas acadêmicas. No entanto, existem diferentes maneiras de divulgar ciência, e a escolha dos modelos depende dos objetivos e do público envolvido.

Caldas (2011), em revisão sobre o tema, apresenta quatro modelos de divulgação científica:

- **Modelo do déficit**: surgido no século XIX, na Inglaterra, parte da ideia de que o público sabe pouco sobre ciência e precisa receber informações. Tem caráter essencialmente transmissivo.
- **Modelo contextual**: considera os conhecimentos e experiências prévias do público.
- **Modelo da experiência leiga**: reconhece e valoriza os saberes, crenças e valores de pessoas fora da esfera científica, propondo uma relação mais dialógica e horizontal.
- **Modelo da participação pública**: além de valorizar a opinião das pessoas, reconhece seu direito de participar de decisões relacionadas à ciência e tecnologia no espaço público.

A pesquisadora Nancy Longnecker (2016) defende uma abordagem cultural da divulgação científica. Segundo ela, a forma como cada pessoa compreende a ciência é mediada por sua cultura, valores e crenças. Portanto, uma divulgação

científica significativa precisa considerar esses elementos.

Nas oficinas da Rede Universidades das Crianças, entendemos a divulgação científica como um **espaço de experiências significativas**, aprendizagem e pensamento crítico sobre ciência. Isso exige um diálogo de igual para igual, no qual todos — crianças e adultos — possam compartilhar dúvidas, vivências e descobertas. Essa perspectiva inspira-se no método de Paulo Freire, que defende um diálogo verdadeiro, horizontal, sem imposições.

Nesses espaços, histórias são contadas, hipóteses são criadas, experiências são compartilhadas e conhecimentos são construídos coletivamente, sempre a partir das perguntas trazidas pelas crianças. Nosso desejo é que elas se percebam não apenas como aprendizes, mas também como **criadoras e produtoras de conhecimento e cultura**.

CAPÍTULO 2

CATÁLOGO DE OFICINAS

As oficinas que acontecem nas Universidades das Crianças são momentos ricos de construção de hipóteses, experimentação e diálogo. Partem de perguntas e dúvidas apresentadas previamente pelas crianças, mas não se limitam a elas: durante os encontros, novas questões emergem e passam a integrar a conversa. Saberes, histórias e experiências trazidas pelas crianças se entrelaçam ao conhecimento científico da equipe de oficineiros, dando origem a percursos únicos de aprendizagem.

Embora exista sempre um planejamento inicial, o caminho da oficina nunca é totalmente previsível. Por isso, a equipe de educadores e educadoras deve estar aberta a adaptações e mudanças no plano original, de acordo com o interesse, o ritmo e a participação das crianças. Cada oficina é, assim, um espaço vivo, movido pelo diálogo e pela curiosidade.

Recomendações à equipe de educadores/as para os dias das oficinas

- **Crie ambientes acolhedores.**

  Espaços seguros e confortáveis favorecem a expressão livre das crianças e permitem que elas participem sem receio de errar ou serem julgadas.

• **Utilize uma linguagem simples e acessível.**

Adequar o vocabulário à idade das crianças não empobrece a conversa; ao contrário, amplia a compreensão e o engajamento.

• **Escute com atenção e respeito.**

Ao reconhecer e valorizar o que as crianças dizem, fortalecemos sua confiança na própria capacidade de pensar e dialogar. Nunca subestime seu potencial cognitivo — elas sempre surpreendem!

• **Promova autonomia nas práticas.**

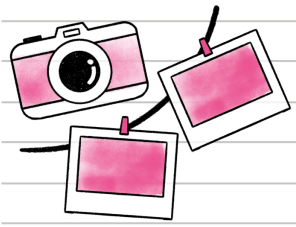
Permita que cada criança explore os materiais e atividades à sua maneira, respeitando diferentes ritmos, formas de participação e modos de aprender.

• **Promova o protagonismo.**

Estimule as crianças a compartilhar hipóteses, experiências e interpretações sobre o tema. Assim, elas se percebem como autoras e responsáveis pelo próprio processo de aprendizagem.

• **Respeite a diversidade.**

Valorize as singularidades de pensamento, sentimento e expressão. Cada criança vive uma infância única — reconhecer isso enriquece o diálogo e fortalece o encontro.



LISTA DE OFICINAS

01. Desenhando o meu corpo	18
02. Oficina de Perguntação	21
03. Corpo curioso, mente cientista	26
04. Oficina dos Sentidos	32
05. Os sentidos humanos e o funcionamento do corpo	36
06. Neurociência do vício	38
07. Alimentação e Saúde com ênfase no Sistema Digestório	41
08. Alimentação e Saúde com Ênfase na Química	45
09. Imagem e ação: Sentimento em cena	49
10. Ciência em cena: Os segredos do corpo na dança	52
11. O corpo: Normal ou anormal?	56
12. Abayomis e o Corpo: Um Portal para Saberes e Redescobertas	59
13. Hospital dos Bichinhos	65
14. Higiene das mãos	68
15. Piolho: Conhecer para combater	73
16. Eu e a escola	77
17. Bullying não!	81



01. DESENHANDO NOSSO CORPO



Perguntas geradoras:

•Como é o nosso corpo por dentro?

•O que temos dentro da barriga, do peito e da cabeça?

Objetivos:

Por meio de uma roda de conversa inicial, esta oficina visa promover, entre as crianças de 9 a 12 anos, aprendizagens sobre o corpo humano biológico e a percepção do corpo, de forma individual e coletiva.

Estrutura da Oficina

1. Abertura

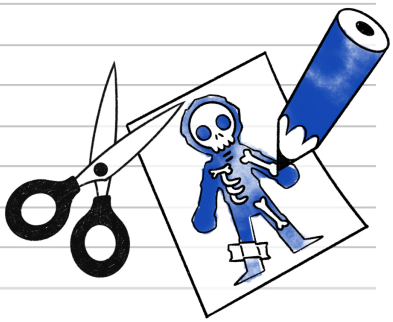
Comece a oficina com uma pergunta super interessante: Como vocês acham que a gente é por dentro? Já pararam para pensar no que tem debaixo da nossa pele?

Será que somos todos iguais por dentro, ou cada um tem um jeitinho especial? Imaginem como seria um passeio lá

dentro do nosso corpo... O que será que a gente encontraria? E como é por fora?

2. Desenhando coletivamente

Enquanto conversam sobre o corpo humano, divida as crianças em grupos. Distribua um grande papel para que as crianças possam deitar sobre ele e realizar o contorno do corpo de uma das crianças do grupo. Peça a cada grupo para desenhar como eles acham que somos por dentro, com canetinhas, lápis de cor, recortes de revistas. Deixe os alunos livres para se expressarem como quiserem, de forma colaborativa. Estimule o diálogo, a construção coletiva e a troca de ideias entre os alunos.



Após essa atividade, faça uma exposição dos desenhos e peça para cada grupo comentar o que foi feito. Estimule um debate, não apontando itens certos ou errados, mas valorizando o conhecimento de cada criança.

3. Desenhando o meu rosto

Como tarefa individual, entregue uma folha de papel para as crianças e peça a elas para desenhar o próprio rosto, olhando em um espelho. Na metade do rosto, peça para elas desenharem exatamente o que elas veem. Na outra metade, peça para elas serem criativas e desenharem como elas gostariam de ser percebidas.



Faça um diálogo sobre visão e percepção. Por fim, faça uma roda de conversa para discutirem sobre o que foi aprendido.

Material de apoio para a professora ou professor:

BATISTA, Julieta Molina. O Fantástico Reino do Corpo Humano. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2022. 137 p. ISBN 9786555864663.



02. Oficina de Perguntação



Objetivos:

•Valorizar a dúvida e a curiosidade como motores do processo de produção do conhecimento científico.

•Estimular a livre expressão das perguntas, sem medo de julgamentos, reforçando sua importância na difusão e criação de conhecimentos.

•Difundir entre os participantes a ideia de que a ciência é uma forma confiável de produzir explicações e responder a questões relevantes.

•Apresentar a natureza da ciência como produtora de verdades provisórias, sempre abertas à revisão.

Estrutura da Oficina

A oficina se desenvolve em um **encontro inicial**, geralmente realizado na escola, seguido de outros encontros que podem ocorrer em diferentes ambientes: escolas parceiras,

praças, museus, centros culturais e Universidades.

Nas experiências das Universidades das Crianças, as perguntas coletadas são transformadas em **artefatos de divulgação científica**, como curtas de animação, perguntas ilustradas, livros, podcasts, entrevistas, vídeos e exposições. Essa etapa, porém, **não é obrigatória** para quem está iniciando: a principal riqueza da oficina está na interação entre crianças, educadores/as e conhecimentos.

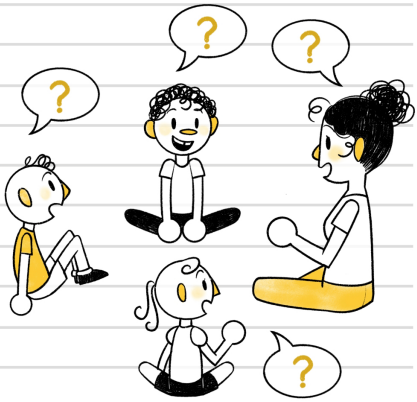
Etapa 1

Abertura

Apresente a equipe e inicie uma conversa a partir das seguintes perguntas:

- "O que é a Universidade?"
- "Para que ela serve?"
- "O que as pessoas fazem lá?"
- "Vocês conhecem alguém que trabalha na Universidade? Com o quê essa pessoa trabalha?"

Muitas crianças mencionam profissões, mas geralmente têm pouco repertório sobre pesquisa científica e sobre o papel da ciência na produção de conhecimentos. Esse momento ajuda a aproximar o cotidiano escolar do universo acadêmico.



Valorizando a Expressão da Dúvida

Conduza a conversa com questões provocadoras:

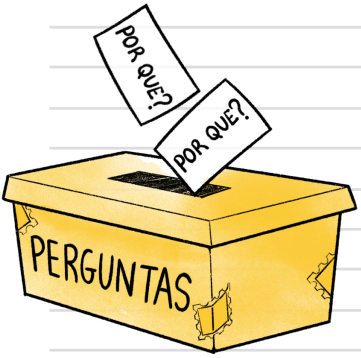
•“Como a gente sabe o que sabemos hoje?”
•“Qual é o formato do planeta Terra?”
•“Será que a Terra é quadrada?”
•“Como sabemos que ela não é quadrada?”
•“E se ninguém tivesse feito essa pergunta?”

O objetivo é levar as crianças a reconhecerem o **papel central das perguntas** na construção do conhecimento científico. Amplie a discussão para outras formas de saber:

•Conhecimentos transmitidos por gerações, como receitas e práticas populares;
•Saberes de povos tradicionais, indígenas, quilombolas e outras comunidades;
•Formas diversas de explicar o mundo.

Enfatize: **não existe pergunta boba**. Toda dúvida é válida, potente e digna de investigação.

“Que a ciência — e todo conhecimento — é movida pelas perguntas, curiosidades e pela tentativa de respondê-las.”
– Fala de uma das coordenadoras do projeto



Coleta de Perguntas

Proponha que as crianças registrem suas dúvidas em uma **caixa de perguntas**. Se a criança ainda não escreve, um adulto anota por ela.

A caixa pode ser feita de papelão, madeira ou material reciclado e decorada para torná-la atrativa.

Etapa 2: Encontrando Respostas

Nos encontros seguintes:

•Converse com as crianças sobre as perguntas coletadas.

•Permita que explorem objetos educativos como livros, jogos, microscópios, modelos 3D, massinhas, tintas e outros materiais.

Esses encontros são marcados por autonomia, ludicidade e, por vezes, por tensões quando surgem temas desafiadores, como racismo, misoginia e outras questões sociais.

Nesse caso, busque apoio de profissionais de áreas diversas, favorecendo uma abordagem interseccional.

Redação Coletiva

Nos encontros finais, proponha que o grupo elabore respostas coletivas às perguntas.

O diálogo deve ser **horizontal**, permitindo contribuições de todas as crianças. Segundo Barros e Reis (2014), esse processo é uma negociação:

> "[...] todos escutam o texto e têm a possibilidade de criticar, sugerir mudanças na linguagem, propor analogias, adicionar ou remover conteúdo. [...] O tempo de ser criança é preservado ao longo das atividades."
>
> (Barros & Reis, 2014)

Relembre: Assim como na ciência, **uma mesma pergunta pode ter múltiplas respostas**, conforme a área do conhecimento.

Exemplo: “Por que sonhamos?” pode dialogar com psicologia, filosofia, neurociência, artes etc.

Sugestão de leitura para aprofundar: Livro Por que sonhamos?

Observação

A mediação deve considerar sempre a diversidade de infâncias, realidades sociais, culturais, linguagens e afetos.

Etapa 3: Criação de Artefatos de Divulgação Científica

Nesta etapa, as perguntas podem ser transformadas em:



- Animações
- Livros
- Vídeos
- Podcasts
- Exposições
- Perguntas ilustradas
- Materiais híbridos

O ideal é que as crianças participem do processo criativo, ajudando a decidir linguagem, conteúdo e forma de divulgação.

Quando percebem que suas perguntas ganham o mundo, **sentem-se produtoras de conhecimento e cultura.**

Referências Teóricas

Por que sonhamos? Idem para Referências Teóricas Barros, R., & Reis, D. (2014). Sarmento, M. (2003). Nova Sociologia da Infância.

Sarmento, M. (2003). Nova Sociologia da Infância.

03. CORPO CURIOSO, MENTE CIENTISTA!

Perguntas geradoras:

- O que tem dentro do nosso corpo?
- Por que o coração faz "tum-tum"?
- Para onde vai o xixi?
- Por que a gente espirra?

Objetivos:

- Despertar a curiosidade das crianças sobre o próprio corpo.
- Incentivar a observação, o questionamento e a investigação — atitudes fundamentais do pensamento científico.
- Apresentar, de forma lúdica, elementos do funcionamento básico de alguns sistemas do corpo humano.
- Promover vivências significativas que unam imaginação, diálogo, exploração corporal e construção coletiva de sentidos.

Estrutura da Oficina

A oficina deve ser realizada em dois encontros, preferencialmente em dias consecutivos ou próximos, para manter a continuidade das discussões e das descobertas.

DIA 1

1. Abertura

Inicie conversando com as crianças sobre a importância

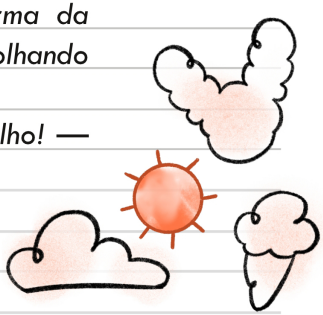
de observar, perguntar e tentar entender o mundo — como verdadeiros cientistas. Exemplos de estímulo à conversa:

•"Às vezes a gente observa muita coisa diferente por aí... Quem quer contar algo curioso que viu no céu, nas plantas ou nos animais?"

•"O que será que faz a gente querer entender mais sobre as coisas que vemos?"

Após as falas espontâneas, diga que vão ouvir uma pequena história sobre observação e perguntas.

História: O dia das perguntas



Numa manhã ensolarada, a turma da professora Ana estava no parquinho, olhando para as nuvens.

— Aquela nuvem parece um coelho! — disse Pedro.

— E aquela parece um sorvete! — riu Sofia.

A professora Ana então teve uma ideia:

— Sabem quem também olha para o céu e faz perguntas como vocês? Os cientistas! Que tal sermos cientistas por um dia?

As crianças adoraram. Com papéis e lápis, começaram a desenhar o que viam.

Depois, Ana perguntou:

— Do que vocês acham que as nuvens são feitas?

— Algodão doce! — gritou Pedro.

— Espuma de sabão! — disse Sofia.

Ana explicou:

— Na verdade, as nuvens são feitas de gotinhas de água. Os cientistas descobriram isso observando bem de perto!

De volta à sala, enquanto descansavam, Sofia levantou o braço:

— Professora, por que o coração faz "tum-tum"?

— Boa pergunta, Sofia! O coração é como uma bomba. Ele empurra o sangue para todo o corpo, levando comida e oxigênio para todas as partes.

Pedro colocou a mão no peito:

— O meu está batendo muito rápido!

— É porque você estava correndo. Quando nos mexemos, o corpo precisa de mais energia, e o coração trabalha mais rápido.

As crianças ficaram fascinadas, tocando o próprio peito e sentindo as batidas.

Pedro sorriu:

— Então, para ser cientista, temos que olhar com atenção e fazer perguntas?

— Exatamente! — disse Ana. — Ser curioso é o primeiro passo.



Roda de conversa

Após a história, abra espaço para comentários e manifestações espontâneas.

Reforce a ideia de que **investigar começa com observar e perguntar.**

2. Explorando o corpo em movimento

Realize pequenas brincadeiras que ajudem as crianças a perceber diferentes partes do corpo e suas sensações:

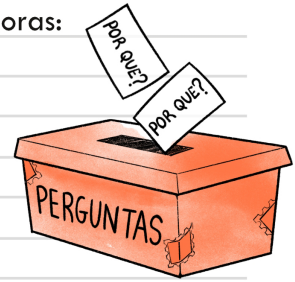
- **Pular alto:** "O que vocês sentem no peito quando pulam?" (observar batimentos)
- **Soprar na mão:** "O que vocês sentem?" (introduzir o ar que respiramos)
- **Mexer braços e pernas:** "Como eles se dobram? Por que conseguimos nos mexer?"

3. Coleta de perguntas — A Caixa da Curiosidade

Apresente a caixa das perguntas e explique:

"Agora é a vez de vocês serem cientistas perguntadores. Não existe pergunta boba!"

As perguntas podem ser orais, ditadas para um adulto ou escritas pelas crianças. Perguntas disparadoras:



- Por que a gente ronca?
- Por que a gente vomita?
- Como o corpo faz para crescer?
- Por que a gente tem febre?

Sugestão opcional: apresentar curtas da Universidade das Crianças que dialogam com os temas.

4. Encerramento do DIA 1

Agradeça a participação e anuncie que, no próximo encontro, irão descobrir algumas respostas com a ajuda de uma amiga muito especial.

DIA 2

Maria Eduarda: a boneca investigadora



Apresente a boneca Maria Eduarda: uma boneca de feltro, do tamanho aproximado de uma criança de 10 anos, pele negra, óculos, roupa estilosa, faixa no cabelo e "olhos curiosos".

Ela tem uma abertura na barriga que permite visualizar os órgãos do sistema digestório.

1. Rememorando perguntas

Retome perguntas da Caixa da Curiosidade:

"Vocês lembram das perguntas incríveis que fizemos? Hoje vamos começar a encontrar algumas respostas!"

2. Conhecendo a boneca Maria Eduarda

Permita que as crianças toquem, abram e explorem a boneca. O tempo de exploração é essencial — crianças pequenas aprendem muito pela materialidade.

3. Explorando os órgãos do sistema digestório

Apresente os órgãos usando metáforas e linguagem acessível:

•Esôfago: “Um escorregador por onde a comida passa.”

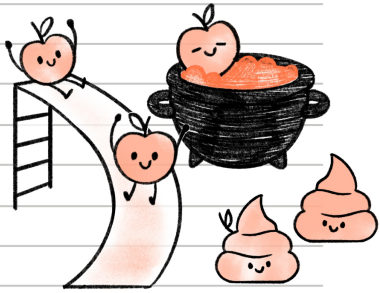
•Estômago: “Um caldeirão borbulhante!”

•Intestino delgado: “Um tubo beeem longo, onde a comida vira energia.”

•Intestino grosso: “Aqui a parte que sobrou vira cocô!”

•Fígado: “Uma mochila macia que trabalha sem descansar.”

•Pâncreas: “Uma banana deitadinha que ajuda o açúcar a entrar nas células.”



4. Respondendo às perguntas

Escolha perguntas relacionadas ao corpo e às funções apresentadas. Responda com simplicidade, usando:

•A boneca;

•Modelos;

•Imagens;

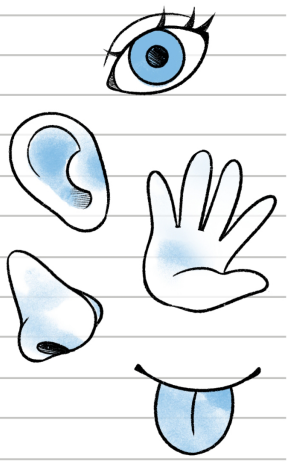
•Ou outros materiais pedagógicos.

5. Encerramento do DIA 2

Agradeça e retome com as crianças o que descobriram. Incentive novas perguntas e observações sobre o próprio corpo.

04. OFICINA DOS SENTIDOS

Perguntas geradoras:



•Como percebemos o mundo ao nosso redor?

•Quais são os nossos sentidos?

•Por que lembramos de cheiros, sons ou sabores?

Objetivos:

•Estimular a percepção sensorial e a consciência corporal das crianças.

•Promover experiências significativas que despertem memórias, reações físicas e emocionais.

•Valorizar a expressão espontânea e o compartilhamento de vivências.

Estrutura da Oficina

1. Abertura

Inicie com uma conversa leve sobre os sentidos do corpo (paladar, olfato, tato, audição e visão). Estimule falas espontâneas, perguntando às crianças como elas percebem o mundo ao redor: O canto do passarinho, o barulho do carro, o sabor do sorvete de chocolate, a cor da bicicleta nova, o cheiro do pão de queijo saindo do forno ou a maciez da coberta da casa da avó.

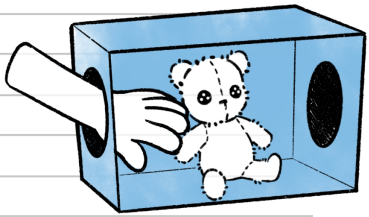
Em seguida, explique que todos os sentidos serão

estimulados e que cada criança deverá prestar atenção às reações do próprio corpo:

- O coração bateu mais forte?
- Deu frio na barriga?
- Arrepiou?
- Sentiu calor no rosto?
- Lembrou-se de alguma coisa?

2. Parte 1 – Estimulando os sentidos

Tato



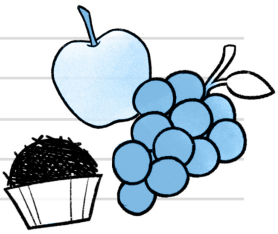
- Caixa com abertura revestida com meia ou tecido.
- As crianças inserem a mão e tocam objetos com diferentes texturas.



Audição

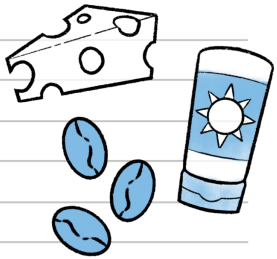
- Estímulos sonoros curtos (5 a 10 segundos), repetidos conforme a necessidade.
- Exemplos: sons da natureza, buzina, instrumentos musicais.

Paladar



- Crianças vendadas (com consentimento) provam pequenos pedaços de alimentos — frutas, chocolate etc.
- Importante: verificar alergias e restrições alimentares previamente.

Olfato



•Frascos com cheiros diferentes — canela, café, orégano, protetor solar, queijo.

•Cada criança cheira e compartilha o que sente ou lembra.



Visão

•Imagens abstratas ou concretas, incluindo elementos da cultura local.

•Estimula observação, interpretação e criatividade.

3. Trocando experiências

Após cada estímulo, forme uma roda de conversa para que as crianças compartilhem percepções, sensações e memórias.

Perguntas orientadoras:

•Que som, gosto, imagem ou cheiro é esse?

•O objeto é liso? Áspero? Gelado? Redondo? Quadrado?

•Alguém lembrou de alguma coisa e quer contar?

•Alguém sentiu algo no corpo (frio na barriga, coração acelerado)?

•Alguma emoção apareceu (alegria, saudade, medo, surpresa)?

4. Invertendo os papéis

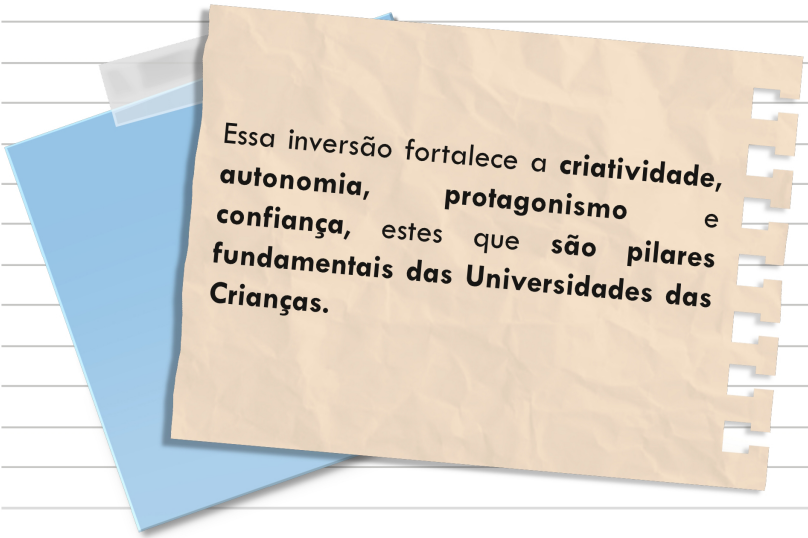
Para o próximo encontro, proponha que as crianças preparem e coordenem uma "Oficina dos Sentidos" para os adultos da equipe.

Sugestão de organização:

•Divida a turma em cinco grupos.

•Cada grupo fica responsável por um dos sentidos.

•Explique que eles deverão pensar nos estímulos, cuidar da apresentação e conduzir a atividade.



05. OS SENTIDOS HUMANOS E O FUNCIONAMENTO DO NOSSO CORPO

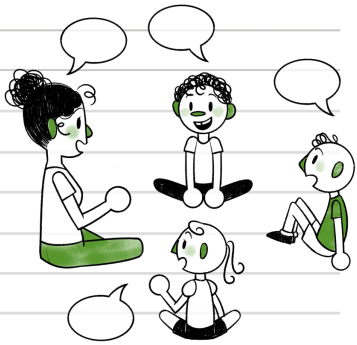
Esta oficina deve ser um desdobramento da Oficina dos Sentidos.

Objetivos:

Explorar as perguntas apresentadas espontaneamente pelas crianças participantes durante a oficina 2 visando ampliar o conhecimento sobre a relação entre os sentidos e outras situações corporais observadas no cotidiano, tais como: perda de paladar, nariz entupido, memória olfativa, dentre outras.

Estrutura da Oficina

Jogo Verdadeiro ou Falso



Nesta etapa, as perguntas coletadas durante a oficina são respondidas pelas educadoras e apresentadas às crianças na linguagem textual. Cada pergunta recebe 2 respostas: uma verdadeira e a outra falsa.

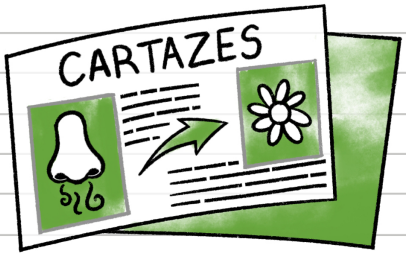
A turma é dividida em grupos, para que aconteçam debates, troca de experiências pessoais e sejam apontadas as respostas corretas e falsas, com as devidas justificativas.

A equipe de educadores deve atuar somente como mediadora de todo o processo.

Construção de cartazes: os sentidos humanos e a biologia das células

•Divida a turma em grupos.

•Solicite às crianças que confeccionem cartazes ilustrativos sobre os sentidos humanos e sua importância para o funcionamento do organismo. Os cartazes poderão conter informações sobre os órgãos sensoriais, exemplos de estímulos que cada sentido capta e curiosidades sobre a biologia dos sentidos.



Discussão e Encerramento

O encerramento será realizado por meio de uma reflexão coletiva sobre os aprendizados adquiridos. Os alunos serão incentivados a compartilhar como as atividades práticas ajudaram a compreender melhor o funcionamento dos sentidos humanos.

Referência bibliográfica:



BARRETO, R. M. ; LARA, B. R. ; FERREIRA, L. M. ; COSTA, R. A. . Universidade das Crianças: uma experiência no ensino sobre células. Conexão Ciência: revista científica da FUOM, v. 17, p. 65-78, 2022. DOI: https://doi.org/10.24862/cco.v17i1.1537

06. NEUROCIÊNCIA DO VÍCIO



Perguntas geradoras:

•Como as pessoas viciam em drogas?

•Por que tem pessoas alcoólatras?

•O que é o vício?

Objetivos:

Esta oficina visa promover, entre as crianças de 9 a 12 anos, aprendizagens sobre os mecanismos biológicos e discutir como "ensinar" o cérebro a buscar prazer em atividades que promovem o bem-estar.

Estrutura da Oficina

1. Abertura

Por meio de uma linguagem acessível, comece uma conversa sobre o vício.

•*Vocês conhecem algum tipo de vício?*

É comum nesse momento as crianças citarem casos de alcoolismo na família ou entre pessoas da comunidade, dada sua frequência em nossa sociedade.

•*Mas o que é o vício?*

•*O que significa falar que uma pessoa é viciada em bebida alcoólica?*

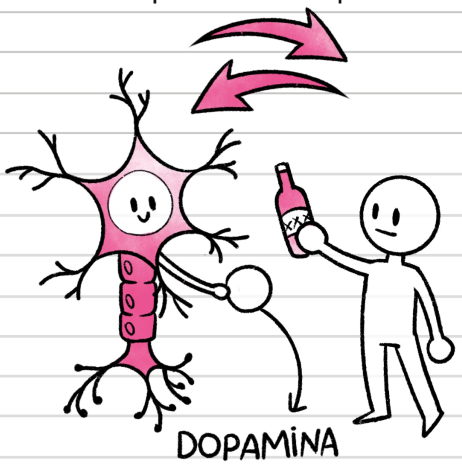
Tente construir juntamente com as crianças um conceito

de vício.

2. Promovendo aprendizagens sobre o mecanismo biológico do vício

Converse brevemente sobre os conceitos de **Sistema de Recompensa** e **dopamina** para explicar o mecanismo do vício.

Diga que o cérebro da gente possui um conjunto de estruturas que formam o que os cientistas chamam de Sistema de Recompensa. Quando uma pessoa ingere ou se envolve em atividades viciantes, como por exemplo consumo de drogas, chocolates e prática de esportes, ela estimula o Sistema de Recompensa. Com isso, as células nervosas ou neurônios que formam esse sistema liberam uma substância chamada de dopamina. E é essa tal de dopamina que nos faz sentir a sensação agradável de prazer e de "quero mais"...



3. Roda de conversa: "O que ativa o seu sistema de recompensa?"

Convide as crianças a refletirem sobre o que lhes dá prazer. Em roda, de preferência assentadas no chão, cada uma deve citar algo que ativa o seu próprio Sistema de Recompensa" - ir ao cinema, comer chocolate, tomar sorvete,

pular no rio de cabeça.... A ideia é ampliar a consciência sobre o próprio corpo, emoções e escolhas.



Converse com as crianças sobre maneiras de estimular o prazer de forma positiva e saudável: praticar esportes, brincar, dançar, ouvir música, conviver com amigos e família, etc.

Reforce que é possível treinar o cérebro para buscar prazer em atividades que fazem bem ao corpo e à mente.

Material de apoio para a professora ou professor:

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. Sexo, drogas, rock and roll e chocolate. 2. ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2012.



Artigo: "Uso de drogas altera o sistema de recompensa cerebral"

07. ALIMENTAÇÃO E SAÚDE COM ÊNFASE NO SISTEMA DIGESTÓRIO

A alimentação desempenha um papel fundamental na manutenção da saúde do organismo, e compreender o funcionamento do sistema digestório permite que os alunos façam escolhas mais conscientes sobre sua dieta. Esta oficina tem como objetivo apresentar, de forma interativa e prática, o percurso dos alimentos no corpo humano e a importância da digestão eficiente para a absorção de nutrientes.

Público-alvo:

Estudantes do 7° e 8° anos do Ensino Fundamental, com possibilidade de adaptação para outras faixas etárias.

Perguntas geradoras:

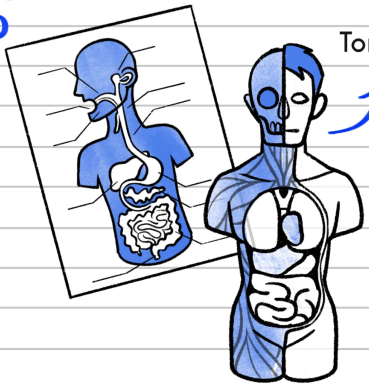
•O que acontece com a comida depois que engolimos?
•Por que precisamos mastigar bem?

Objetivos:

•Compreender o funcionamento básico do sistema digestório humano.
•Reconhecer a importância de uma alimentação equilibrada para a saúde.
•Estimular o pensamento crítico sobre os hábitos alimentares cotidianos.
•Desenvolver habilidades de observação e experimentação a partir de atividades práticas.

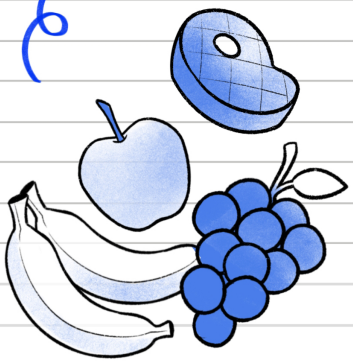
Materiais necessários:

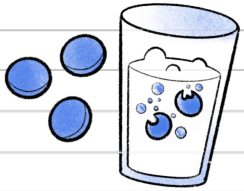
Imagens e gráficos do sistema digestório



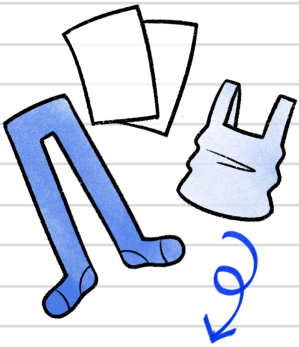
Torso anatômico (opcional)

Gravuras ou modelos de alimentos





Pastilhas efervescentes, copos com água



Meias-calças, papéis ou sacos plásticos

Cartazes, marcadores, lousa ou quadro branco

Estrutura da Oficina

1. Introdução ao sistema digestório

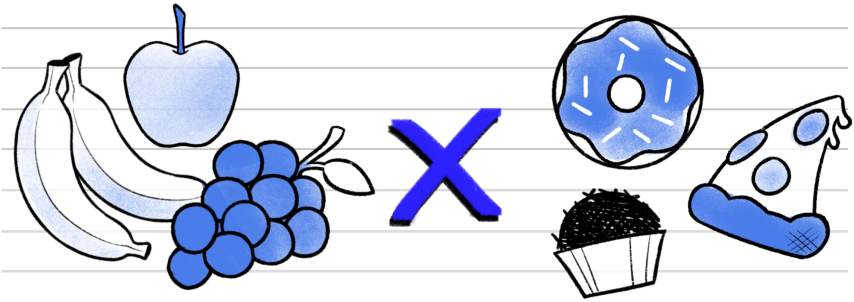
•Com apoio de imagens, gráficos, torso anatômico ou projeções, o educador explica o percurso dos alimentos desde a boca até a eliminação das fezes.

•Questione os alunos sobre o que sabem sobre os órgãos envolvidos, suas funções e curiosidades.

•Estimule a participação com perguntas e respostas espontâneas.

2. Atividades práticas

2.1- Análise de alimentos: saudáveis x não saudáveis



•Divida os alunos em grupos e distribua gravuras de diferentes alimentos.

•Cada grupo deverá classificar os itens como saudáveis ou não saudáveis, justificando suas escolhas.

•Discuta sobre os impactos dessas escolhas na digestão e na saúde geral.

2.2- Simulando os movimentos peristálticos com meia-calça

•Cada grupo receberá uma meia-calça preenchida com papel ou plástico, simulando o trato digestório.

•Os jovens devem manipular a meia para representar os movimentos peristálticos que empurram os alimentos no sistema digestório.

•Converse sobre a importância dessa movimentação na digestão e absorção dos nutrientes.

2.3- Importância da mastigação: experimento com pastilhas efervescentes

•Distribua duas pastilhas por grupo: uma inteira e outra triturada.

•Coloque-as em copos com água e observe o tempo de dissolução.

•Relacione a diferença com o processo de mastigação e a eficiência digestiva.

3. Discussão e encerramento

Revise os conceitos abordados e incentive os alunos a refletirem sobre seus hábitos alimentares.

"Quais mudanças podemos fazer para cuidar melhor da nossa saúde?"

Essa oficina pode ser completada com a oficina "Corpo Curioso, Mente Cientista", veja acima.

Material de apoio para a professora ou professor:

BARRETO, R. M. et al. Universidade das Crianças: experiência sobre alimentação numa escola estadual em São João del-Rei-MG. Revista Extensão & Sociedade, v. 10, n. 2, 2020. DOI: https://doi.org/10.21680/2178-6054.2019v10n2ID18390



08. ALIMENTAÇÃO E SAÚDE COM ÊNFASE EM QUÍMICA

A química desempenha um papel essencial nos processos fisiológicos do corpo humano, especialmente na digestão dos alimentos. Compreender esses mecanismos auxilia na construção do conhecimento sobre saúde e alimentação equilibrada.

Público-alvo:

A oficina é destinada a alunos do 9° ano do ensino fundamental, podendo ser adaptada para diferentes níveis de ensino conforme necessidade.

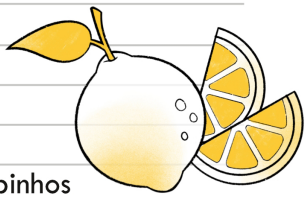
Perguntas geradoras:

- Como os alimentos são diferidos?
- O que são enzimas?
- Por que precisamos mastigar bem a comida?

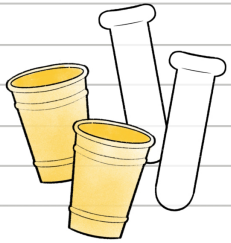
Objetivos:

- Promover a compreensão sobre o papel da química na digestão, a partir de construção de hipóteses, de realização de testes experimentais, interpretação e discussão dos resultados.
- Ressaltar a importância dos conhecimentos sobre bioquímica para uma alimentação equilibrada.

Materiais necessários:



•Solução de amido (amido de milho + água morna)
•Solução de iodo (lugol)
•Saliva ou solução de amilase
•Vinagre ou limão
•Bicarbonato de sódio
•Tubos de ensaio ou copinhos
•Pipetas, colheres, termômetros
•Papel indicador de pH ou água de repolho roxo





Estrutura da Oficina

1. Abertura e introdução ao tema

1.1- Roda de conversa inicial

Apresente a oficina como uma oportunidade de descobrir como a química está presente em nosso corpo.



1.2- Estabeleça uma conexão com o cotidiano: "O que acontece com a comida depois que engolimos?"

Questione os alunos sobre o papel das enzimas e do pH na digestão.

1.3- Formulação de hipóteses

Antes de iniciar os experimentos, peça que os estudantes formulem hipóteses sobre:

•A ação da amilase sobre o amido
•A neutralização da acidez estomacal
•A influência da temperatura na digestão enzimática



2. Experimentos práticos

Experimento 1: Ação da amilase salivar na digestão do amido

•Prepare tubos com solução de amido.
•Adicione amilase (ou saliva simulada) em alguns tubos.
•Após aquecimento em temperatura morna, adicione iodo.
•Observe a presença ou ausência da coloração azul, indicando a presença de amido.

Discussão: Relacionar a ausência de coloração à quebra do amido pela enzima.

Experimento 2: Neutralização do pH estomacal

•Misture vinagre (ácido) com bicarbonato de sódio (base) em copos ou tubos.
•Observe a reação efervescente.
•Meça o pH antes e depois da reação com papel indicador ou água de repolho roxo.

Discussão: Falar sobre o uso de antiácidos e a importância do equilíbrio do pH estomacal.

Experimento 3: Efeito da temperatura sobre a digestão

•Prepare três amostras de amido: uma em temperatura ambiente, uma morna (37°C) e uma quente (50°C).

•Adicione a amilase e depois o iodo, comparando os resultados.

Discussão: Relacionar a temperatura ideal para a atuação das enzimas e os efeitos da desnaturação.

3. Encerramento e reflexão

Reúna a turma para discutir o que foi observado.

•Quais hipóteses se confirmaram?

•O que mais chamou atenção nos experimentos?

•Como a química nos ajuda a entender melhor a saúde?

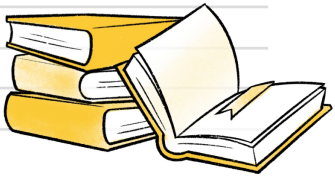


4. Caixa de perguntas (opcional)

Disponibilize um espaço para que os alunos deixem dúvidas e curiosidades para serem exploradas em outras aulas.

Material de apoio para a professora ou professor:

BARRETO, R. M. et al. Universidade das Crianças: experiência sobre alimentação numa escola estadual em São João del-Rei-MG. Revista Extensão & Sociedade, v. 10, n. 2, 2020.DOI: https://doi.org/10.21680/2178-6054.2019v10n2ID18390



09. IMAGEM E AÇÃO: SENTIMENTOS EM CENA



Perguntas geradoras:

- Por que a gente sente dor?
- Por que a gente tem dor quando machuca?
- Por que a gente tem dor de barriga?
- Por que a gente tem dor de cabeça?

Objetivos:

- Proporcionar a cada criança a oportunidade de expressar, de forma livre e criativa, a sua percepção sobre a dor.
- Promover entre as crianças uma compreensão sobre os mecanismos fisiológicos da dor.
- Estimular a empatia e a partilha de experiências.

Estrutura da Oficina

1. Abertura

Crie um ambiente seguro onde as crianças se sintam à vontade para compartilhar suas experiências e comece com uma breve conversa sobre experiências de dor.

"A dor é parecida com o amor. Só quem está sentindo, sabe exatamente o que se passa" (Livro "Ai que Dor", Reis, D.; Gontijo, H.; Hoffert, L. Editora UFMG)

Fale um pouco sobre suas experiências, para que as crianças se sintam à vontade para falar das próprias dores: dor de cabeça, de barriga, de cotovelo... Dor de unha? Dor de cabelo?

2. Jogo Imagem e ação

Previamente, confeccione cartões com tipos de dor: dor de cabeça, de barriga, de estômago, de coração, de cotovelo, etc...

Inicie a dinâmica: em grupo, uma criança sorteia um cartão e, através da mímica, tenta transmitir aos outros a sensação daquela dor específica.

À primeira vista, pode parecer uma brincadeira superficial, sem conteúdo informativo direto sobre a fisiologia da dor. No entanto, o verdadeiro propósito dessa atividade reside na criação de um ambiente seguro e descontraído. Através da leveza da mímica, as crianças se sentem à vontade para compartilhar suas próprias experiências e dúvidas sobre a dor. É no meio da brincadeira, no calor da tentativa de adivinhar a dor do colega, que as conversas genuínas podem emergir, desvendando as inquietações individuais sobre esse tema tão presente em suas vidas. Essa é, em sua essência, a nossa abordagem para iniciar a conversa sobre a dor.

3. Entendendo o mecanismo de dor

"Quando a gente cai da bicicleta e machuca o joelho, os braços dos neurônios lá da pele percebem o que aconteceu. Os braços longos desse neurônio* passam a informação para outros neurônios que ficam lá no cérebro. E logo que essa informação chega ao cérebro, passando rápido como*

um raio, você sente a dor!" (Livro "Ai que Dor", Reis, D.; Gontijo, H.; Hoffert, L. Editora UFMG.)

E é mais ou menos isso que acontece nos outros tipos de dores. A dor poder via do pé, da mão ou do nariz. Mas é sempre o cérebro que "te conta" que algo está doendo.

*Neurônio é o nome de um tipo de célula, encontrado no cérebro e em vários outros locais do nosso corpo.

4. Encerramento

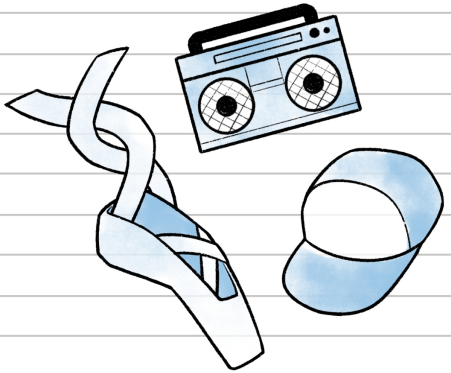
"A dor é o corpo nos pedindo atenção. É ele nos dizendo que algo não está bem e é preciso procurar ajuda" (Livro "Ai que Dor", Reis, D.; Gontijo, H.; Hoffert, L. Editora UFMG).

Finalize a oficina com uma breve conversa sobre o que podemos fazer quando sentimos dor. Pergunte às crianças também se elas conhecem formas de ajudar alguém que está com dor. Isso pode incluir abraços, carinho, descanso, falar com um adulto, respirar fundo, etc.

Material de apoio para a professora ou professor:

REIS, Débora; GONTIJO, Helena; HOFFERT, Luciana. Ai que dor! Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

10. CIÊNCIA EM CENA: OS SEGREDOS DO CORPO NA DANÇA



Perguntas Geradoras:

•O que acontece dentro do nosso corpo quando nos movimentamos ou dançamos?

•Como os músculos, ossos e articulações trabalham juntos durante a dança?

•Será que diferentes danças exigem diferentes esforços do nosso corpo?

Objetivos:

•Explorar, de forma lúdica e científica, o funcionamento dos músculos, ossos e articulações durante os movimentos.

•Estimular a curiosidade das crianças sobre o corpo humano e a relação entre movimento e saúde.

•Promover a integração entre ciências naturais e educação física.

•Incentivar a percepção corporal, expressão artística e consciência de hábitos saudáveis.

•Envolver os alunos em experiências práticas que conectem ciência, arte e movimento.

Estrutura da Oficina

1. Abertura

Sugira iniciar com uma roda de conversa questionando:

"Quem aqui gosta de dançar? Como vocês acham que o corpo se movimenta para isso acontecer?"

Apresente diferentes estilos de dança (com vídeos ou demonstrações) para despertar o interesse. Provoque as crianças a perceberem como cada movimento exige esforço distinto.

2. Desenvolvimento

•Exploração científica com materiais visuais

•Use imagens ou modelos anatômicos simplificados para mostrar:

•Onde ficam os músculos envolvidos no movimento;

•Como ossos e articulações permitem a flexibilidade corporal;

•Como o corpo responde a diferentes intensidades físicas.

•Você pode pedir que as crianças toquem partes do corpo (como braços ou pernas) para sentir os músculos durante o movimento.



2.1 Experiência prática com dança

Convide as crianças a experimentar pequenos trechos de diferentes estilos de dança (ex.: balé, dança contemporânea). Após cada

experiência, estimule perguntas como:

"Qual parte do corpo você usou mais?"
"Sentiu o coração bater mais rápido?"
"Como o corpo reagiu ao esforço?"

3. Encerramento/Reflexão

Finalize com uma conversa retomando as descobertas e conectando ciência, arte e saúde. Sugira perguntas como:

"Como a dança pode ajudar a cuidar da nossa saúde?"
"Quais partes do corpo precisamos fortalecer para dançar melhor?"

Se quiser, peça que desenhem o corpo em movimento ou registrem qual dança mais gostaram e por quê.

Metodologia:

A oficina deve seguir uma metodologia lúdica, experiencial e investigativa, estimulando a experimentação e o protagonismo infantil. A exploração prática, unida à observação científica, favorece uma aprendizagem ativa e interdisciplinar.

Temas Transversais Recorrentes:
- Corpo humano e saúde
- Movimento e qualidade de vida
- Arte e expressão corporal
- Ciências naturais e educação física
- Percepção corporal e autocuidado



Material de apoio para a professora ou professor:

Isabel Marques — "Corpo, dança e educação contemporânea: algumas relações" (FE-Unicamp) > https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/1974/26-artigos-marquesia.pdf

Regina Sampaio — trecho de estudo sobre "Corpo e Movimento na Educação Infantil" > https://books.scielo.org/id/76skz/pdf/correa-9786586546958-08.pdf

II. O CORPO... NORMAL OU ANORMAL?

Entendendo o "Normal" e o "Anormal"

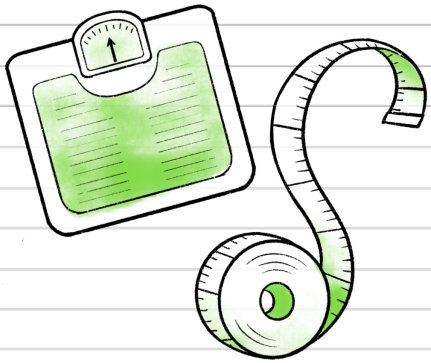
Ao trabalhar com crianças, é fundamental refletirmos sobre os conceitos de "normalidade" e "anormalidade". Esses termos, que permeiam nossa sociedade, moldam a forma como enxergamos o outro e a nós mesmos. De quem são os olhos que determinam essa perspectiva? Com qual comprometimento? E em nome de quem essa visão aliena e subjuga? Essa perspectiva é "reguladora" em nosso dia a dia, ditando o que é aceito ou não nas diversas situações da vida humana. Para compreendê-los de fato, precisamos mergulhar em suas origens históricas, culturais, políticas e sociais.

Desta forma, na jornada da Universidade das Crianças, exploramos as fronteiras fluidas do "normal", desvendando como nossa sociedade e diversas culturas constroem esses padrões, especialmente em relação ao corpo. As perguntas das crianças são o nosso guia: "Por que estimular o crescimento do pênis?", "Por que alguns têm seios tão pequenos?", "Por que existem pessoas tão baixas?". Nesses questionamentos ecoam uma preocupação genuína em se encaixar em um ideal de normalidade corporal, seja na altura, no peso ou no tamanho dos seios.

Decidimos abordar essa temática complexa de uma forma acessível e visual. Em vez de longas explicações, propusemos uma experiência prática para que as crianças pudessem vivenciar a construção desses padrões. Explicamos que, em nossa sociedade, a "altura normal" para uma criança de 10 anos, por exemplo, é aquela que predomina entre a

maioria das crianças dessa idade. Remetemos, de forma simples, à ideia da curva de Gauss: o normal é o mais frequente em um grupo. E, consequentemente, o mundo ao nosso redor – cidades, casas, objetos – é construído para atender às necessidades dessa maioria, desse padrão considerado "normal".

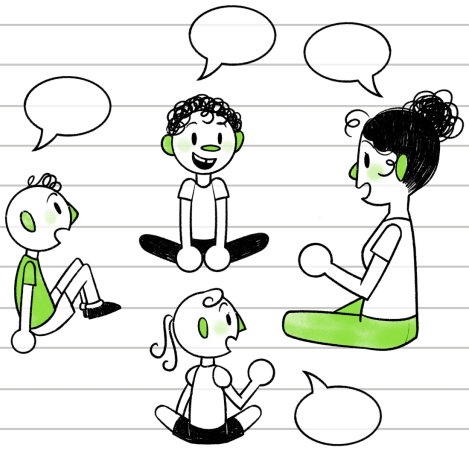
Para tornar essa abstração concreta, utilizamos a fita métrica. As crianças medem suas próprias alturas e as de seus colegas, registrando os números. Outra abordagem lúdica -e convidá-las a deitar no chão, lado a lado, organizando-se do mais baixo ao mais alto, formando naturalmente a curva de Gauss. Essa representação visual simples revela como os "gigantes" e os "baixinhos" eram as extremidades menos frequentes, e sua denominação só existia em contraste com a altura predominante, a faixa considerada "normal".



A força dessa vivência costuma ser evidente logo no primeiro momento. Ao enxergarem a distribuição das alturas, as crianças compreendem como a frequência molda a percepção do normal. A constatação de que os padrões de normalidade estão intrinsecamente ligados ao que é mais frequente na população, e que o mundo é construído em função dessa maioria, costuma gerar reflexões profundas.

Em seguida, expandimos a conversa, explorando como

o conceito de "normal" pode variar entre diferentes grupos e culturas. A altura considerada normal para uma criança de 10 anos no Brasil é diferente daquela na Alemanha, ou mesmo entre regiões do nosso próprio país. Essa perspectiva abre um diálogo sobre a relatividade dos padrões e a riqueza da diversidade humana. Essa oficina, mais do que uma aula, é um mergulho na própria percepção do corpo e do mundo ao redor.



12. ABAYOMIS E O CORPO: UM PORTAL PARA SABERES E REDESCOBERTAS



As **Abayomis**, que significa "encontro precioso" em iorubá, nasceu da necessidade de mães africanas escravizadas de criar brinquedos para seus filhos e filhas durante a travessia atlântica, usando retalhos de suas próprias vestes. Em cada nó, em cada dobra do tecido, há uma narrativa de resistência, afeto e ancestralidade. Ao trazer essa prática para as crianças nos espaços de conhecimento, estamos abrindo caminhos para que elas se conectem com uma parte vital da história e da cultura afro-brasileira.

Através dessas oficinas, as crianças não apenas aprendem a história da Abayomi, mas também a sentem em seus próprios corpos. O ato de manusear os tecidos e fazer os nós sem cola ou costura, desperta a coordenação motora fina, a percepção tátil e a criatividade. É um aprendizado que passa pelas mãos, pelos olhos e pela imaginação, ativando uma memória que transcende o tempo.

Esse processo de criação tátil e simbólica facilita a compreensão do corpo em uma dimensão mais ampla: não só como estrutura física, mas como um receptáculo de histórias,

heranças e identidades. Ao criar bonecas que podem representar diferentes corpos pretos, texturas de cabelo e formas, as crianças são incentivadas a celebrar a diversidade de corpos e a reconhecer a beleza e a importância de suas próprias origens.

Perguntas Geradoras:

•Como podemos representar o complexo universo do corpo humano, tanto sua estrutura interna quanto sua dimensão cultural e social?

•De que forma a criação de bonecas, em diferentes escalas e com diversos propósitos, nos ajuda a compreender e celebrar a diversidade de corpos, histórias e identidades?

Objetivos:

•Promover a compreensão científica do corpo humano (órgãos internos, sistemas, saúde física e mental) de forma lúdica e acessível.

•Explorar o corpo em sua dimensão cultural, histórica e social, valorizando a ancestralidade e a diversidade.

•Estimular o protagonismo infantil e a construção ativa do conhecimento através da interação com bonecos gigantes e a confecção de bonecas artesanais.

•Fomentar a representatividade, a inclusão e a empatia, desconstruindo estigmas e preconceitos.

•Descolonizar o conceito de ciência, integrando saberes tradicionais e promovendo uma visão mais humana e conectada do conhecimento.

Público-Alvo:

Crianças e seus responsáveis, de diferentes origens e

contextos, com adaptabilidade para diversas faixas etárias e habilidades.

Materiais necessários:

•Materiais para confecção de bonecas artesanais: Retalhos de tecido de diversas cores e texturas, feltro, etc.

•Bonecos gigantes (Maria Eduarda, Pedro) e outros modelos anatômicos, se disponíveis.

•Recursos audiovisuais e narrativos (histórias, músicas) para enriquecer a apresentação da história da Abayomi e dos temas do corpo.



Estrutura da Oficina

1. Abertura

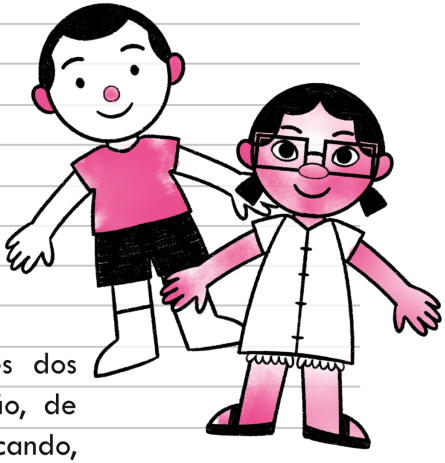
Inicie com uma roda de conversa sobre o corpo humano, abordando tanto sua complexidade biológica quanto sua riqueza cultural. Apresente o papel das bonecas – desde as gigantes, que representam na UC estruturas e funções, até as artesanais, que contam histórias e celebram identidades – como ferramentas para essa exploração. Incentive as crianças a compartilharem suas percepções iniciais sobre o corpo e a diversidade.

2.Desenvolvimento

2.1 Exploração com Bonecos Gigantes

Convide as crianças para interagir com modelos de

bonecos gigantes (como Maria Eduarda e Pedro). Utilize-os para visualização e discussão sobre órgãos internos (sistema digestório, cérebro, coração) e temas como saúde física, bem-estar mental e representatividade (ex: corpo cadeirante). As crianças são incentivadas a explorar as funções dos órgãos e a importância da inclusão, de forma mais afetiva e lúdica, tocando, observando e fazendo perguntas.



2.2 Confecção de Bonecas Artesanais (Abayomi)

Em seguida, as crianças são convidadas a construir seus próprios modelos de corpo ou bonecas artesanais, como as Abayomi. Explique a história e o simbolismo da Abayomi, "encontro precioso" em iorubá, e como ela nasceu da necessidade de mães africanas escravizadas criarem brinquedos para seus filhos usando retalhos. Oriente a confecção utilizando materiais diversos e técnicas sem costura (apenas nós e dobras). Durante a criação, aborde histórias de resistência, afeto e ancestralidade, celebrando a diversidade de corpos (especialmente corpos pretos, texturas de cabelo e formas) e a importância das próprias origens.



3. Encerramento/Reflexão

Promova uma roda de conversa para compartilhar as

criações e os aprendizados. Conecte as descobertas sobre a biologia do corpo com sua dimensão cultural e social. Discuta sobre a importância da diversidade, da empatia e do protagonismo na construção do conhecimento e de um futuro mais inclusivo. Valorize cada boneca como um artefato de saber e resistência.

Metodologia:

A oficina adota uma metodologia ativa, experiencial e dialógica. A aprendizagem ocorre através da interação tátil e simbólica com os bonecos e da construção manual, que estimula a coordenação motora, a percepção e a criatividade. O protagonismo infantil é central, permitindo que as crianças sejam criadoras e pesquisadoras ativas. Há uma constante integração de saberes científicos e tradicionais, com mediação para discussões e reflexões sobre temas complexos de forma acessível e respeitosa.

Temas Transversais Recorrentes:

•Corpo Humano e Saúde (biológica e mental).

•Diversidade, Inclusão e Representatividade (racial, funcional).

•História, Cultura e Ancestralidade (especialmente afro-brasileira).

•Empatia e Desconstrução de Estigmas.

•Protagonismo Infantil e Autoconhecimento.

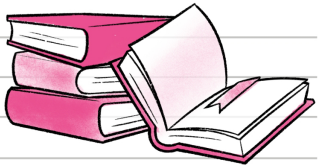
•Divulgação Científica e Descolonização do Conhecimento.

•Uso de Recursos Didáticos Concretos e Lúdicos: Bonecos gigantes (Maria Eduarda, Pedro) e outros modelos anatômicos.

•Materiais para confecção de bonecas artesanais (retalhos de tecido, feltro, massa de modelar, etc.).

•Recursos audiovisuais e narrativos para contar histórias.

Material de apoio para aprofessora ou professor:



Guia didático sobre a história e simbologia das bonecas Abayomi, incluindo referências sobre a cultura afro-brasileira e a importância da representatividade.

Informações detalhadas sobre a representação de órgãos e temas de saúde (física e mental) abordados pelos bonecos gigantes.

Bâ, H. (1980). Amkoullel, l'enfant peul. Paris: Actes Sud. (Para aprofundamento sobre a tradição oral africana e a totalidade do conhecimento).

13. HOSPITAL DOS BICHINHOS



Perguntas geradoras:

•Por que a gente precisa tomar vacina?

•Por que a gente tem que tomar remédio?

Objetivos:

•Promover a compreensão sobre a importância da vacinação e do uso correto de medicamentos.

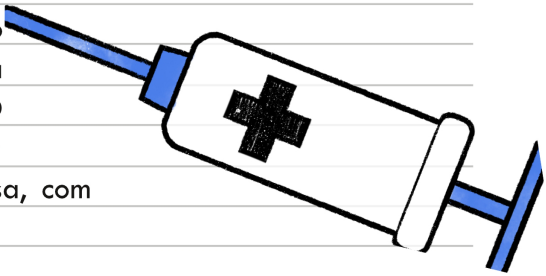
•Refletir sobre os cuidados com a saúde e o papel dos profissionais da área com as crianças.

Estrutura da Oficina

1. Abertura

Por meio de uma linguagem acessível, converse com as crianças sobre saúde e doença. Pergunte se elas sabem o que acontece com o corpo humano quando ficamos doentes. Peça para elas contarem situações em que ficaram doentes, tomaram remédios, vacinas. É comum nesse momento as crianças citarem ocasiões em que elas, parentes, conhecidos e até animais de estimação ficaram doentes. Mas o que significa doença? O que significa falar que uma pessoa estava doente e

melhorou? Tente construir juntamente com as crianças um conceito de saúde, doença, recuperação e tratamento. Diversas vezes as crianças indagam por que as pessoas precisam tomar vacina e remédios para não ficarem doentes ou melhorarem. As crianças também relatam a dor, medo e ansiedade ao tomar injeção para remédios ou vacinas. O importante é apresentar uma escuta ativa, respeitosa, com empatia e acolhimento.

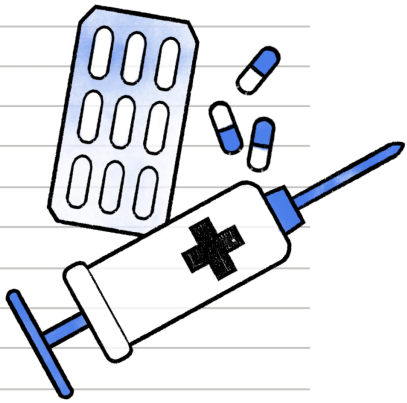


2. Promovendo aprendizagens sobre vacinas, medicamentos e atendimento em saúde

Enquanto conversam sobre vacinas, medicamentos e como as crianças percebem o atendimento que recebem por parte de médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, fonoaudiólogos e outros profissionais da saúde, entregue bichos de pelúcia, seringas, medicamentos placebo, estetoscópios, oxímetros, abaixador de língua, e diversos materiais médicos para as crianças. Explique brevemente sobre o cuidado a ser recebido por cada bichinho, que "está doente" ou "precisa de vacina". Cada criança deverá se comportar como o cuidador. Peça às crianças para tratarem os bichinhos, administrando vacinas, medicamentos. Faça a mediação perguntando: será que ele está com medo? Como podemos ajudar? Ele está sendo tratado como você gostaria de ser tratado?

Durante a intervenção, aproveite para dialogar sobre as emoções, sentimentos, medos, angústias envolvidos em tomar vacinas e medicamentos. Convide-as a falar sobre medo, ansiedade, dor, acolhimento, respeito. Valide as emoções, sendo positivas ou negativas. Peça a elas para definirem as

emoções e sentimentos. Para as crianças que conseguem escrever, peça a elas que registrem um prontuário ou receituário para cada bichinho. Relate a importância da vacinação para a promoção da saúde, para evitar e prevenir doenças. Deixe a criança sentir que pode fazer perguntas sem pressa. Aproveite para falar sobre o direito da criança ao cuidado humanizado e respeitoso.



3. Leitura compartilhada

Leitura e discussão do livro Maria Rosa, o amor e as vacinas, de Sônia Rosa, com ilustrações de Graça Lima (Editora Portinho Livre, selo da Fiocruz, 2023).

O livro está disponível gratuitamente no link : https://portolivre.fiocruz.br/sites/portolivre.fiocruz.br/files/livros_pdf/Maria%20Rosa%2C%20o%20Amor%20e%20as%20Vacinas_final%20Portinho%20Livre_0.pdf

Use a história como ponto de partida para conversar sobre afeto, cuidado e prevenção.



Material de apoio para a professora ou professor:

Caderneta da Criança – Ministério da Saúde

Documento oficial que acompanha a saúde e o desenvolvimento infantil, incluindo a vacinação

14. HIGIENE DAS MÃOS



Perguntas geradoras:

•Por que eu preciso lavar as mãos antes de lanchar?

•Por que a professora fala para não colocar o material escolar na boca?

Objetivos:

•Promover a compreensão sobre a importância da higiene das mãos

•Desenvolver hábitos de cuidado com o corpo e com o ambiente escolar.

•Desenvolver habilidades de observação, registro e formulação de hipóteses.

•Promover aprendizagens sobre fungos, bactérias e outros seres microscópicos.

Estrutura da Oficina

1. Abertura

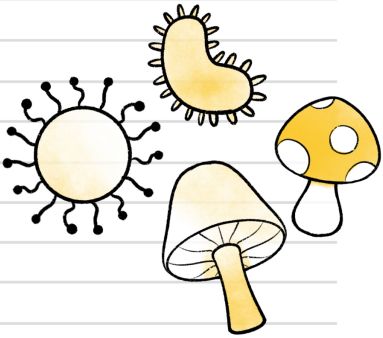
Por meio de uma linguagem acessível, comece a falar sobre os diversos seres vivos que moram no planeta terra, seres visíveis aos olhos e seres invisíveis, ou microscópicos. Pergunte às crianças se elas já ouviram falar de fungos e bactérias, verificando se elas consideram que eles são benéficos ou maléficos para a saúde. Dê exemplos de fungos, leveduras,

bactérias benéficas e maléficas ao corpo humano. Deixe fotos e vídeos disponíveis para que as crianças explorem os microorganismos. Se for possível, mostre ao microscópio.

Inicie convidando os estudantes a embarcar em uma aventura para conhecer os diversos seres vivos que moram no nosso planeta Terra. Sabiam que existem seres que conseguimos ver com os nossos olhos, como nós, os animais e as plantas? Mas também existem seres tão, mas tão pequenininhos que só conseguimos enxergar com a ajuda de um aparelho/instrumento especial, o microscópio! Eles são os seres, muitas vezes invisíveis aos olhos nu, e visíveis pelas lentes dos microscópicos.

"Vocês já ouviram falar em fungos e bactérias? O que vocês acham que eles são? Amigos ou inimigos da nossa saúde?"

Para a gente entender melhor, vou dar alguns exemplos:



•Alguns **fungos** são deliciosos e a gente come, como o **cogumelo** da pizza! Outros podem causar aquelas manchinhas nos dedos do pé, por exemplo.

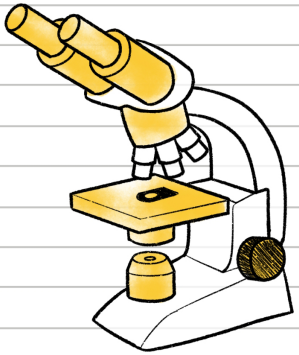
•As **leveduras** são um tipo de fungo que faz o pão crescer e a cerveja!

•Já as **bactérias** são muito diversas. Tem bactérias que são superboas e moram dentro da nossa barriga, ajudando a digerir a comida. Mas também existem bactérias que podem nos deixar doentes.

Para vocês visualizarem melhor esses seres invisíveis,

temos algumas fotos e vídeos incríveis aqui. E se tivermos a chance, vamos até tentar ver alguns deles de pertinho no microscópio (caso tenha em sua escola)!

Estão prontos para essa viagem ao mundo dos seres microscópicos?



2. Promovendo noções de higiene das mãos

Enquanto conversam sobre os microorganismos patogênicos, divida a turma em cinco grupos. Cada grupo receberá um saco plástico, uma fatia de pão de forma, uma pipeta de plástico, um copo de plástico com água e um pedaço de fita adesiva.

Após essa divisão, entregue ao **grupo 01**, um par de luvas, para que eles toquem na fatia de pão de forma somente com as luvas calçadas em ambas as mãos. Após esse procedimento, os alunos devem colocar o pão dentro do saco plástico, adicionar algumas gotas de água e fixar o saco na parede da sala (indicando "mãos com luvas").

Ao **grupo 02**, peça a eles para lavarem as mãos adequadamente com água, sabão, promovendo a higiene completa de mãos e antebraços. Ensine-os a lavar as mãos e a secar de forma a não contaminar o corpo. Peça para que eles toquem na fatia de pão de forma somente após as mãos terem sido lavadas. Após esse procedimento, os alunos devem colocar

o pão dentro do saco plástico, adicionar algumas gotas de água e fixar o saco na parede da sala (indicando "mãos lavadas").

Para o **grupo 03**, peça para que eles toquem na fatia de pão de forma com as mãos sem nenhum procedimento. Os alunos devem então colocar o pão dentro do saco plástico, adicionar algumas gotas de água e fixar o saco na parede da sala (indicando "mãos sem lavar").

Peça ao **grupo 04** para passarem as mãos pelos materiais escolares, sejam livros, mochila, cadernos, lápis, borracha e mesa. Peça para que eles toquem na fatia de pão de forma após as mãos terem passado em todos materiais. Após esse procedimento, os alunos devem colocar o pão dentro do saco plástico, adicionar algumas gotas de água e fixar o saco na parede da sala (indicando "mãos de material escolar").

Por fim, ao **grupo 05**, indique o pátio da escola para as crianças passarem as mãos pelos corrimões, brinquedos, bancos, paredes, chão. Peça para que eles toquem na fatia de pão de forma após as mãos terem passado em todos estes lugares. Após esse procedimento, os alunos devem colocar o pão dentro do saco plástico, adicionar algumas gotas de água e fixar o saco na parede da sala (indicando "mãos de recreio").



Ao longo dos próximos dias, peça às crianças para adicionar poucas gotas de água na fatia de pão, pois os seres vivos precisam de água, ar e alimento para sobreviver. Peça a eles para elaborarem um diário de cientista, relatando como ficou cada fatia de pão ao

longo das próximas semanas. Compare os resultados, peça às crianças para elaborarem hipóteses sobre o que está acontecendo.

3. Roda de conversa e encerramento

Discutam coletivamente o que observaram.Compare os resultados. Por fim, faça uma roda de conversa para discutirem sobre o que foi aprendido.

"O que os resultados indicam sobre a importância da lavagem das mãos?"

"Como podemos aplicar esse conhecimento no dia a dia?"

Reforce o papel da água, sabão e hábitos de higiene na prevenção de doenças.



Material de apoio para a professora ou professor:

Antunes Batista, J. E., Pereira de Oliveira, M., & de Oliveira Silva, A. (2024). "Estratégia de educação em saúde para a promoção da higiene pessoal na infância." Saúde.Com, 2023).



Este estudo discute estratégias educativas para promover hábitos de higiene entre crianças.

15. PIOLHO: CONHECER PARA COMBATER



Perguntas Geradoras:

•O que são piolhos e como eles chegam até nós?

•Quais hábitos ajudam a cuidar da saúde do nosso cabelo e da nossa cabeça?

Objetivos:

•Explicar, de forma simples e lúdica, o que é a pediculose e como ela ocorre.

•Identificar as formas de transmissão dos piolhos e maneiras eficazes de prevenção.

•Desconstruir mitos e preconceitos relacionados ao tema.

•Estimular hábitos de higiene pessoal e autocuidado.

•Envolver as famílias no processo de prevenção, fortalecendo a comunicação entre escola e comunidade.

Estrutura da oficina



1. Abertura

Comece com uma roda de conversa perguntando o que as crianças sabem sobre piolhos. Incentive a troca de ideias com leveza, evitando constrangimentos. Aproveite para reforçar que esse é

um tema de saúde pública e que muitas pessoas já tiveram piolhos, tornando o assunto comum e educativo.

2. Desenvolvimento

Utilize recursos visuais (imagens ampliadas, cartazes, vídeos ou lupas, se possível) para mostrar:

•O ciclo de vida dos piolhos;
•Como ocorre a transmissão;
•Diferença entre piolhos e lêndeas;
•Mitos e verdades (ex.: "piolho só pega em cabelo sujo?").

Durante a explicação, incentive perguntas e comentários das crianças.

3. Atividades lúdicas

Você pode incorporar:
•Jogos de "pergunta e resposta" ou "mito ou verdade";
•Contação de história ou dramatização;
•Ilustrações para representar os cuidados com os cabelos.

4. Encerramento/Reflexão

Finalize com uma conversa que destaque:

•A importância da higiene e dos cuidados compartilhados entre escola, família e criança;

•Que pedir ajuda é parte do cuidado, e que não há vergonha em falar sobre o assunto;

•Sugere-se entregar um material informativo para levar às famílias, com orientações de prevenção e identificação.

Peça que façam um desenho ou escrevam uma frase sobre "Como cuidar da saúde do meu cabelo e da minha cabeça". Isso reforça a mensagem sem expor ninguém. Finalize com reforço positivo:

"Cuidar é melhor que criticar. Quando a gente ajuda, todo mundo fica bem."

Metodologia

A abordagem pode ser lúdica, dialogada e interativa, valorizando a curiosidade infantil. A metodologia incentiva a compreensão científica aliada ao autocuidado, promovendo protagonismo infantil.

Temas Transversais Recorrentes:

•Saúde e higiene corporal

•Prevenção de doenças e autocuidado

•Identificação e desconstrução de preconceitos

•Protagonismo infantil

•Educação em saúde pública

•Diálogo entre escola, universidade e família

Material de apoio para professora ou professor:

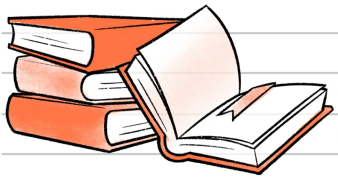
1. Cartilha "Pediculose" — UERJ/UERJ e UERJ-EduCapes. (educapes.capes.gov.br)

2. Página informativa da Sociedade Brasileira de

Dermatologia sobre pediculose: https://www.sbd.org.br/doencas/pediculose-piolho/ (sbd.org.br)

3. Tópico na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) sobre pediculose da cabeça: https://bvsms.saude.gov.br/pediculose-da-cabeca-piolhos/ (bvsms.saude.gov.br)

4. Cartilha didática para professores e estudantes sobre pediculose (UTFPR) (PDF) (riut.utfpr.edu.br)



5. Artigo "Prevenção à pediculose por meio de ações de educação em saúde" (Relato de experiência) (editora.univassouras.edu.br)

16. Eu e a Escola



Perguntas geradoras:

•Por que a gente tem que estudar?
•Por que a gente precisa ir para a escola?
•Como é que a gente aprende?

Objetivos:

•Promover entre as crianças um entendimento sobre os processos de aprendizagem
•Fortalecer o vínculo afetivo das crianças com a escola.
•Promover entre as crianças a valorização da escola enquanto instituição e o respeito aos profissionais da educação.

Estrutura da Oficina

1. Abertura

Converse com as crianças sobre a escola em nossas vidas:

"Na escola a gente aprende a ler, a escrever, a contar, a desenhar, a pensar e até a fazer perguntas! Lá a gente descobre

um montão de coisas legais: porque o céu é azul, como as plantas nascem, como os cabelos crescem... E você? O que você já aprendeu na escola?"

"A escola é um lugar para estudar, mas é também um espaço para brincar e fazer amigos. Você sabia que quando brincamos a gente aprende também um montão de coisas? O que será que a gente pode aprender enquanto brica?"

Tempo para as crianças se manifestarem livremente.

2. Como a gente aprende

"O que acontece no nosso cérebro quando aprendemos?"
"Como é perceber que sabemos algo que antes não sabíamos?"

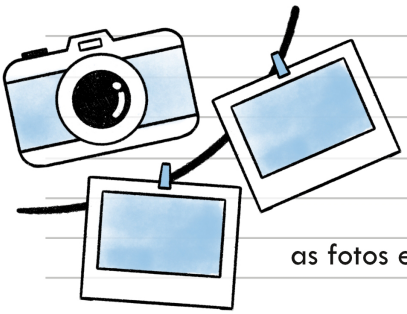
Comece a falar sobre aprendizagem e conhecimentos. Pergunte para as crianças se elas sabem o que acontece com o nosso cérebro quando a gente aprende. Uma resposta da neurociência para essas perguntas se chama neuroplasticidade, que é a capacidade do cérebro e do restante do sistema nervoso se modificar frente a estímulos externos e internos. Essas alterações podem ser novas conexões entre as células, o reforço daquelas já existentes, produção de substâncias químicas... são muitas coisas acontecendo no cérebro!

"O que significa aprender? O que significa falar que uma pessoa não sabia e agora sabe?"

Tente construir juntamente com as crianças um conceito de aprendizagem e de conhecimento.

3. Promovendo o senso de pertencimento.

Enquanto conversam sobre a escola, façam uma visita a

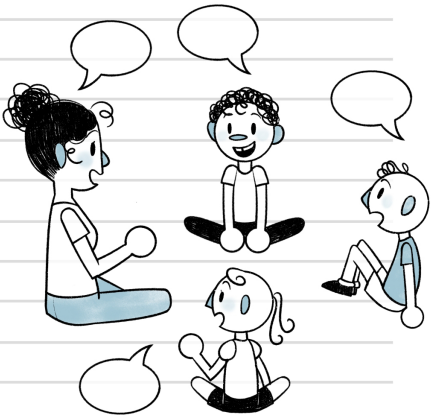


todos os lugares que as crianças indicaram. Entregue a elas uma câmera fotográfica ou celular para elas registrarem, por conta própria, o lugar que elas mais gostaram. Se for possível, imprima as fotos e faça um varal com elas.

4. Poetizando a escola: produção de aldravias

Convide as crianças para elaborarem uma aldravia. Aldravia é uma forma poética contemporânea e minimalista. Foi criada em 2002 por poetas da cidade de Mariana (Minas Gerais), chamados Andréa Donadon Leal e José Carlos Limeira. Ela se caracteriza por ser composta por seis palavras, escritas em letras minúsculas, uma em cada linha (verso), não possuir título, e ter foco na síntese poética, ou seja, apresentar forte carga de significado em poucas palavras. A aldravia busca provocar reflexão com o mínimo de palavras e o máximo de sentido, funcionando como uma espécie de "haicai contemporâneo" com identidade brasileira.

5. Partilha e encerramento



Durante a intervenção, aproveite para dialogar; convide as crianças a falar sobre seus sentimentos, percepções, vivências dentro da escola. Fale sobre o valor do conhecimento na vida das pessoas e como a escola pode ser um lugar de sociabilização, convivência, aprendizagem e afeto.

Convide as crianças a circularem pela sala para ver as fotos e as aldravias dos colegas.

Por fim, faça uma roda de conversa para discutirem sobre o que foi aprendido.

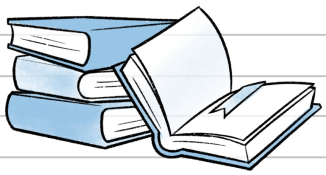
Material de apoio para a professora ou professor:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016

Xakriabá, Célia. Amansar o Giz. Revista Piseagrama. Disponível: https://piseagrama.org/artigos/amansar-o-giz/

NANCY, Jean-Luc. Ser singular plural. Traducción de Antonio Tudela Sancho. Madrid: Arena Libros, 2006.

NANCY, Jean-Luc. A la escucha. Tradução de Horacio Pons. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.



17. BULLYING NÃO!



Perguntas geradoras:

•O que é bullying?
•Como o bullying acontece na escola?
•Como podemos evitar situações de bullying?

Objetivos:

•Promover diálogos sobre os tipos de bullying, suas causas, consequências e formas de enfrentamento.
•Promover empatia, respeito e solidariedade entre os colegas.
•Criar estratégias coletivas para prevenção e combate ao bullying.

Estrutura da Oficina

1.Abertura

Inicie uma roda de conversa sobre amizades e convivência escolar. Pergunte se as crianças já vivenciaram ou presenciaram situações de exclusão, apelidos maldosos, brigas ou provocações. Apresente os diferentes tipos de bullying:


FÍSICO


VERBAL
!!@!


PSICOLÓGICO


MORAL


SEXUAL


MATERIAL


VIRTUAL

Utilize imagens e exemplos para facilitar a compreensão.

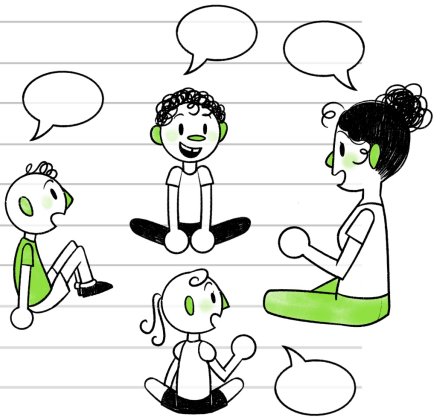
2. Promovendo empatia

•Divida a turma em grupos e atribua um tipo de bullying a cada grupo.

•Cada grupo deve preparar uma pequena encenação, com um agressor, uma vítima e os apoiadores.

•Ao final, todos devem pensar juntos em soluções para o conflito apresentado.

•Após as apresentações, promova uma roda de conversa para discutir o que cada grupo trouxe e refletir sobre formas respeitosas de convivência.



3. Construção do Estatuto contra o Bullying

Junto com as crianças, elabore um "estatuto" com regras de convivência e ações a serem adotadas em casos de bullying na turma.

Inclua sugestões de punições educativas, formas de apoio e canais de escuta.

Reforce a ideia de que a turma é responsável por manter um ambiente saudável.

4. Ação coletiva

Sugira a organização de uma atividade simbólica no Dia Nacional de Combate ao Bullying (7 de abril), como uma apresentação, cartazes/lambes, caminhada pela escola ou

produção de vídeos.

Leitura e discussão:

Cartilhas educativas para alunos, famílias e escolas:

•Cartilhas sobre bullying – UFOP: < https://www.repositorio.ufop.br/items/3333be54-6a04-4fb5-bcbe-155b960ee347 >



Material de apoio para a professora ou professor:

Vídeo informativo do Senado Federal sobre tipos de bullying:

Assista aqui < https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2011/02/bullying_escola_imprimir.pdf >

